



***PASSOS DE SAPATÃO: NARRATIVAS DE MEMORIAIS SOBRE TRAJETÓRIAS  
LÉSBICAS***

***PASOS DE TINTE: NARRATIVAS MEMORIAL SOBRE TRAYECTORIAS  
LESBIANAS***

**DYKE STEPS: MEMOIR NARRATIVES ON LESBIAN TRAJECTORIES**

*Mariana Mendes Barcelos e Santos<sup>1</sup>*

*Heloisa Raimunda Herneck<sup>2</sup>*

*Kelly da Silva<sup>3</sup>*

**RESUMO**

Esse artigo teve por objetivo explorar as vivências de mulheres lésbicas por meio da análise de memoriais escritos por estudantes da Universidade Federal de Viçosa, no contexto de uma disciplina optativa. Na perspectiva qualitativa, analisamos nove memoriais para compreendermos as experiências de descoberta da sexualidade e construção da identidade em um contexto marcado pela heteronormatividade. Temas como pertencimento, conflitos familiares e religiosos, exclusão, lesbofobia e a rejeição de padrões de feminilidade foram recorrentes nos documentos e mostram os desafios enfrentados na aceitação da própria sexualidade e na afirmação de uma identidade lésbica. Os memoriais também destacaram a importância de ressignificar o corpo, rompendo com as expectativas sociais de feminilidade. Contudo, os relatos apontaram para o isolamento e solidão vivenciados pelas mulheres lésbicas num mundo que marginaliza suas existências. O estudo contribui para a visibilização das trajetórias lésbicas, reforçando a importância de práticas educacionais que legitimem a diversidade sexual e afetiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vivências Lésbicas. Memoriais. Construção de Identidade.

**RESUMEN**

Este artículo tuvo como objetivo explorar las vivencias de mujeres lesbianas a través del análisis de memorias escritas por estudiantes de la Universidad Federal de Viçosa, en el contexto de una asignatura optativa. Desde una perspectiva cualitativa, analizamos nueve

<sup>1</sup> Mestranda em Educação. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ubá, Minas Gerais, Brasil.

memórias para compreender as experiências de descobrimento de la sexualidade y la construcción de la identidad en un contexto marcado por la heteronormatividad. Temas como pertenencia, conflictos familiares y religiosos, exclusión, lesbofobia y la rechazo de los patrones de feminidad fueron recurrentes en los documentos, mostrando los desafíos enfrentados en la aceptación de la propia sexualidad y en la afirmación de una identidad lesbiana. Las memorias también destacaron la importancia de resignificar el cuerpo, rompiendo con las expectativas sociales de feminidad. Sin embargo, los relatos señalaron el aislamiento y la soledad vividos por las mujeres lesbianas en un mundo que margina sus existencias.

**PALABRAS-CLAVE:** Vivencias Lesbianas. Memorias. Construcción de Identidad.

## ABSTRACT

This article aimed to explore the experiences of lesbian women through the analysis of memoirs written by students at the Federal University of Viçosa, in the context of an elective course. From a qualitative perspective, we analyzed nine memoirs to understand the experiences of discovering sexuality and constructing identity in a context marked by heteronormativity. Themes such as belonging, family and religious conflicts, exclusion, lesbophobia, and the rejection of standards of femininity were recurrent in the documents and illustrate the challenges faced in accepting one's own sexuality and affirming a lesbian identity. The memoirs highlighted the importance of re-signifying the body by breaking away from social expectations of femininity. However, the accounts pointed to the isolation and loneliness experienced by lesbian women in a world that marginalizes their existence. This study contributes to the visibility of lesbian trajectories, reinforcing the importance of educational practices that legitimize sexual and affective diversity.

**KEYWORDS:** Lesbian Experiences. Memoirs. Identity Construction.

\*\*\*

## Introdução

A descoberta da sexualidade acontece como um processo complexo e transformador, marcado pela interação entre identidade e sociedade. Para as mulheres que se identificam como lésbicas, essa jornada envolve não apenas a descoberta de si, mas também a resistência frente a normas heteronormativas que, muitas vezes, as confrontam e limitam. Os memoriais produzidos por estudantes da Universidade Federal de Viçosa, no contexto de uma disciplina optativa, oferecem registros únicos dessa travessia, revelando as diversas camadas simbólicas e delicadas que caracterizam o percurso de autocompreensão e afirmação da sexualidade e do corpo lésbico. Em suas palavras, as autoras narram uma variedade de experiências e desafios pessoais, contribuindo para um panorama que reflete a intersecção entre vivência individual e estrutura social.

Este artigo propõe-se a adentrar esses relatos, com o objetivo de identificar as convergências que tecem as experiências dessas mulheres em busca de pertencimento, acolhimento e afirmação. A metodologia deste artigo inscreve-se no campo da pesquisa

qualitativa, orientando-se pela análise de memoriais como meio de acessar as experiências singulares e coletivas sobre a descoberta e afirmação da sexualidade lésbica.

Essa abordagem permite tocar subjetividades e sutilezas que permeiam as narrativas pessoais, valorizando cada memorial como um reflexo das complexas relações entre o íntimo, o social e o cultural. O foco na análise narrativa evidencia a história de cada autora não apenas como um relato individual, mas como uma construção que dialoga com as normativas sociais e culturais que envolvem questões de pertencimento, família, religião e representatividade.

A análise das narrativas, assim, revela um conjunto de convergências e singularidades, destacando os temas recorrentes que emergem dessas histórias e as interseções entre o vivido e o compartilhado.

Dessa forma, ao mapear as similaridades entre essas histórias, este artigo busca contribuir para um entendimento mais amplo e aprofundado das vivências de mulheres lésbicas. O estudo das narrativas aqui analisadas revela a importância de espaços de reflexão e expressão, como a disciplina em questão, que promovam a aceitação e compreensão da diversidade sexual na sociedade.

Dessa maneira, esta análise almeja não só explicitar e realçar a experiência e existência lésbica - em oposição ao seu apagamento sistemático, mas também sublinhar a relevância de espaços acadêmicos que legitimem e respeitem a pluralidade das experiências afetivas e identitárias, promovendo um ambiente com possibilidades para todas as expressões da sexualidade.

### **As vozes e temas que brotam das águas do brejo**

As narrativas pessoais de mulheres lésbicas, especialmente nos memoriais, revelam vivências singulares que se conectam por temas comuns, como autodescoberta, amizade como espaço de aceitação e enfrentamento aos valores familiares e religiosos. Esses elementos formam um tecido coletivo de significados sobre o que é viver e afirmar-se como mulher lésbica em diferentes contextos.

Entre os aspectos mais marcantes dessas trajetórias está o encontro transformador com outra mulher, muitas vezes mediado pela amizade, que possibilita um reconhecimento mútuo e profundo - uma forma de “ver” e “ser vista”.

Nesse sentido, o continuum lésbico, conforme proposto por Adrienne Rich (2010), amplia a compreensão dessas experiências ao englobar uma variedade de relações entre mulheres - da amizade ao amor romântico e sexual, passando por laços familiares.

Essas conexões, por serem fluídas e diversas, permitem que as mulheres explorem suas identidades de modos múltiplos ao longo da vida.

Sobretudo, o continuum lésbico evidencia a importância das redes de apoio e solidariedade entre mulheres, que se tornam fontes essenciais de força e resistência diante das opressões sociais e patriarcais. Essas relações constroem espaços de partilha e suporte emocional, fortalecendo a afirmação das identidades lésbicas e femininas (Adrienne Rich, 2010).

Tabela 1: Citações sobre Amizades, Descobertas, Comunidade e Pertencimento

TEMAS	CITAÇÕES
<b>Amizade e Descoberta</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Nos tornamos inseparáveis, mas meu sentimento era diferente e profundo, algo que eu não sabia explicar.”</li> <li>- “A amizade com ela foi o que despertou algo em mim que sempre estive lá, mas eu não sabia.”</li> <li>- “Aos poucos, percebi que meus sentimentos por ela eram diferentes dos que sentia por outras amigas.”</li> <li>- “Aquela amizade parecia uma ponte para algo muito maior que eu ainda não conseguia nomear.”</li> </ul>
<b>Pertencimento e Comunidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “A sensação de pertencimento foi a primeira vez que me senti em casa em algum lugar.”</li> <li>- “Com aquelas mulheres, encontrei uma força e uma segurança que nunca havia sentido.”</li> <li>- “Era uma comunidade onde eu não precisava me esconder, onde minha identidade era valorizada e celebrada.”</li> <li>- “Naquele espaço, pude ser eu mesma sem medo de julgamentos ou olhares desconfiados.”</li> </ul>

**Fonte:** elaborado pelas autoras

A amizade aparece como um espaço inicial de descoberta e conexão entre mulheres, onde sentimentos profundos e difíceis de nomear indicam o despertar de uma identidade lésbica latente. Muitas narrativas descrevem essa experiência como uma ligação intensa - “se tornaram inseparáveis”, mas “o sentimento era diferente e profundo, algo que eu não sabia explicar”, revelando um processo de autoconhecimento e redefinição do afeto.

Segundo Adrienne Rich (2010), essa identificação entre mulheres é uma fonte de energia que desafia as normas heteronormativas, pois, ao se libertar das expectativas impostas pela heterossexualidade, a amizade feminina se transforma em um espaço onde novas formas de relação podem florescer. A heteronormatividade é um regime que estabelece a heterossexualidade como modelo de normalidade, regulando corpos, desejos

e identidades a partir dessa referência. Como afirmam Else Amorim e Larissa Santos (2020), trata-se de uma estrutura de poder que legitima determinadas formas de existência enquanto exclui e silencia as que escapam à norma.

Ainda segundo Adrienne Rich (2010), negar a visibilidade das relações e paixões entre mulheres implica perda de poder e autonomia sobre suas identidades. Contudo, as amizades significativas tornam-se formas de resistência, permitindo às mulheres afirmar sua subjetividade e desafiar a heterossexualidade compulsória. Nesse contexto, a amizade atua como refúgio contra a invisibilidade e como meio de legitimar o afeto entre mulheres.

Por fim, Marilyn Frye (1983) destaca o caráter transformador desse processo de “olhar” e “ser vista”, que possibilita uma “floração de possibilidades” quando uma mulher reconhece e é reconhecida por outra. Esse olhar rompe com o paradigma heteronormativo do desejo mediado pelo homem, permitindo uma nova forma de ser percebida e valorizada, na qual a mulher assume o papel de sujeito do olhar e do afeto, livre da objetificação e da fetichização:

Se a lésbica vê as mulheres, a mulher pode ver a lésbica vendo-a. Com isso, há um florescimento de possibilidades. A mulher, sentindo-se vista, pode aprender que pode ser vista; ela também pode ser capaz de saber que uma mulher pode ver, ou seja, pode autorizar a percepção. Com isso, surge para a mulher a possibilidade lógica de assumir sua autoridade como percebida e de mudar sua própria atenção. Com isso, há o amanhecer da escolha, e isso se abre sobre todo o mundo das mulheres. O olhar da lésbica subverte o mecanismo pelo qual a produção e a constante reprodução da heterossexualidade para as mulheres deveriam ser tornadas automáticas (Marilyn Frye, 1983, p.172, tradução nossa).

Nos relatos analisados, observa-se que a amizade entre mulheres surge como um elo profundo de autodescoberta e reconhecimento mútuo, transformando vínculos aparentemente comuns em espaços de construção identitária.

Frases como “a amizade com ela foi o que despertou algo em mim que sempre estive lá, mas eu não sabia” e “aquela amizade parecia uma ponte para algo muito maior que eu ainda não conseguia nomear” expressam esse processo de descoberta de si e da outra, onde a relação com outra mulher oferece conforto e segurança fora das normas heteronormativas. É nesse espaço que a amizade se torna fundamento para a afirmação de uma identidade lésbica, ainda que de forma inconsciente ou gradual.

As narrativas revelam que, ao se descobrirem por meio da amizade, as mulheres enfrentam os limites de uma sociedade que nega a legitimidade das relações lésbicas.

Nesses vínculos, muitas encontram pertencimento e autenticidade, criando refúgios onde podem ser quem são sem medo.

Para Monique Wittig (1980), a identificação entre mulheres permite laços que desafiam o automatismo da heterossexualidade, possibilitando um sentimento de pertencimento negado socialmente. Assim, a amizade torna-se base de resistência, permitindo à mulher reconhecer-se como parte de uma rede de alianças femininas. Conforme Adrienne Rich (2010), esse fortalecimento desafia o patriarcado, que desde o nascimento estimula a rivalidade feminina para enfraquecer a solidariedade entre mulheres.

O patriarcado, segundo Heleieth Saffioti (2015), é um sistema histórico de dominação masculina que estrutura a desigualdade entre os sexos, conferindo aos homens poder sobre os corpos, desejos e papéis sociais das mulheres. Essa lógica naturaliza a subordinação feminina e legitima formas de exclusão e violência em todos os âmbitos da vida.

Nesse contexto, Janice Raymond (2001; 1986) critica a cultura misógina que transforma a amizade entre mulheres em tabu, afastando-as de sua potência relacional. Adrienne Rich (2010) reforça que, ao escolherem outras mulheres como aliadas, as mulheres subvertem o sistema heterossexual compulsório, transformando a amizade em espaço de resistência e descoberta.

Para Margarita Pisano (2001), um dos maiores avanços das mulheres é a criação de espaços políticos próprios, onde possam agir coletivamente e reconstruir relações horizontais com o mundo. Tais espaços permitem o pertencimento e a valorização da identidade feminina. Para mulheres lésbicas, esse pertencimento - seja em grupos de amigas, coletivos ou comunidades políticas - representa a primeira experiência de verdadeira aceitação, onde ser lésbica é motivo de celebração e não de ocultamento.

As narrativas evidenciam que a comunidade lésbica oferece uma sensação de segurança emocional e psicológica inédita. Relatos como “era uma comunidade onde eu não precisava me esconder, onde minha identidade era valorizada e celebrada” traduzem esse sentimento de encontro com um lar simbólico. Conforme Andrea Dworkin (1991), essa comunidade surge como resposta à violência e à opressão patriarcal, sendo um espaço seguro e estratégico de sobrevivência para as mulheres lésbicas.

Por fim, a trajetória dessas mulheres é marcada por conflitos entre sua orientação sexual e os valores familiares e religiosos. A família e a religião, como instituições patriarcais, atuam como mecanismos de controle, impondo a heterossexualidade

compulsória e limitando o campo do desejo e do afeto. Assim, a vivência lésbica é atravessada por dor, resistência e reconstrução, mas também pela criação de novas formas de pertencimento e liberdade afetiva.

Tabela 2: Citações sobre Família, Religião, Heteronormatividade, Pressão Social, Lesbofobia.

TEMAS	CITAÇÕES
<b>Conflito Familiar e Religião</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Minha família é extremamente religiosa, e desde criança fui ensinada que o amor entre mulheres era algo pecaminoso.”</li> <li>- “Falar para minha família foi um choque, e até hoje alguns evitam o assunto, fingindo que nada mudou.”</li> <li>- “A religião foi uma barreira durante anos, e por muito tempo, achei que estava errada por sentir o que sentia.”</li> <li>- “Meu amor era visto como uma vergonha, algo que devia ser reprimido e escondido.”</li> </ul>
<b>Heteronormatividade e Pressões Sociais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Fui ensinada que meu papel era encontrar um bom homem, casar e ter filhos.”</li> <li>- “A sensação de ser menosprezada é real, como se o meu amor fosse um tabu que muitos preferem ignorar ou zombar.”</li> <li>- “A expectativa de um relacionamento heterossexual estava presente desde cedo, e me sentia culpada por não querer aquilo.”</li> <li>- “Eu sentia que precisava me encaixar, mas nada daquilo fazia sentido para mim.”</li> </ul>
<b>Exclusão e Lesbofobia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “A exclusão era silenciosa, mas presente em cada piada, cada afastamento.”</li> <li>- “No ambiente de trabalho, a lesbofobia vem de forma sutil, mas é constante.”</li> <li>- “Ser a única lésbica no grupo fazia com que eu fosse alvo de olhares e comentários que tentavam me diminuir.”</li> <li>- “A lesbofobia não era direta, mas estava ali, nas conversas que evitavam falar sobre minha orientação.”</li> </ul>

**Fonte:** elaborado pelas autoras

A estrutura familiar, símbolo da manutenção dos valores patriarcais e heteronormativos, apresenta-se como um espaço de opressão para muitas mulheres lésbicas. A imposição de expectativas baseadas na consanguinidade e na reprodução heterossexual faz com que as experiências afetivas dissidentes sejam vistas como antinaturais.

Margarita Pisano (2001) afirma que o modelo de consanguinidade, em que a “família tradicional” é considerada o único espaço legítimo de pertencimento, legitima o afastamento e a exclusão das mulheres lésbicas sob o pretexto de preservar valores



familiares. Assim, o amor entre mulheres é interpretado como afronta à ordem familiar, gerando culpa e repressão.

Essa estrutura reprime qualquer forma de afeto que fuja ao modelo hegemônico, levando muitas lésbicas a sentimentos de exclusão, como expressam as narrativas: “A religião foi uma barreira durante anos, e por muito tempo, achei que estava errada por sentir o que sentia” e “Meu amor era visto como uma vergonha, algo que devia ser reprimido e escondido.”. A relação entre religião e família intensifica o controle sobre a sexualidade feminina, reforçando a heteronormatividade e limitando a autonomia lésbica. O discurso religioso, sob o pretexto de proteção moral, reforça o papel feminino de esposa e mãe, tornando-se instrumento de repressão.

De acordo com Margarita Pisano (2001), a família atua como microestrutura patriarcal, reproduzindo relações de poder e submissão: “Essa ideia de consanguinidade, que torna anticultural as experiências homo-lésbicas, é a mesma que produz em certos espaços de margem cultural a nostalgia da família como lugar de pertencimento, apesar de ser a executora do castigo” (p.17).

Assim, o espaço familiar transforma-se em lugar de vigilância e punição. Contudo, cabe destacar que o termo “homo-lésbicas”, usado pela autora, hoje é considerado impreciso, pois a identidade lésbica é entendida como categoria política e epistemológica autônoma, independente da noção de homossexualidade.

A religião atua como força repressora que reforça normas patriarcais e impõe culpa às mulheres lésbicas. Suas doutrinas definem a heterossexualidade e a procriação como únicas formas legítimas de amor, marginalizando relações entre mulheres. Jules Falquet (2012) e Andrea Dworkin (1991) apontam que o amor lésbico é frequentemente condenado e invisibilizado pelas instituições religiosas. Esse discurso, internalizado desde a infância, gera sofrimento e sensação de transgressão moral, como mostram relatos: “Minha família é extremamente religiosa, e desde criança fui ensinada que o amor entre mulheres era algo pecaminoso”.

O processo de repressão e culpa é sustentado pela condenação das relações entre mulheres, como observa Jules Falquet (2012), para quem as religiões validam apenas uniões voltadas à reprodução. Essa ideologia é internalizada desde cedo, impondo modelos de feminilidade e heterossexualidade compulsória.

As frases “Fui ensinada que meu papel era encontrar um bom homem, casar e ter filhos” e “A expectativa de um relacionamento heterossexual estava presente desde cedo, e me sentia culpada por não querer aquilo” demonstram essa pressão. Adrienne Rich



(2010) explica que a heterossexualidade compulsória naturaliza o desejo heterossexual e faz da vida lésbica uma ameaça à ordem social, provocando culpa e vergonha em quem se desvia da norma.

A heteronormatividade impõe a ilusão de que o desejo heterossexual é o único possível, moldando as mulheres à submissão. Essa lógica limita a autonomia sexual e afetiva, forçando o apagamento das identidades dissidentes (Adrienne Rich, 2010). Tal opressão é expressa nas narrativas: “A expectativa de um relacionamento heterossexual estava presente desde cedo, e me sentia culpada por não querer aquilo.”.

A lesbofobia, ainda que velada, manifesta-se em exclusões silenciosas e comentários desdenhosos, como mostram os relatos: “A exclusão era silenciosa, mas presente em cada piada, em cada afastamento.”. Monique Wittig (1980) descreve a lesbofobia como instrumento de deslegitimação da identidade lésbica, reforçando seu lugar à margem. Essa exclusão aprofunda o isolamento e a vulnerabilidade, fazendo com que lésbicas sejam tratadas como “outras” em seus próprios espaços sociais.

Para Monique Wittig (1980), a lesbofobia opera como ferramenta de controle heteronormativo, apagando as existências lésbicas tanto no âmbito privado - nas famílias e religiões - quanto no público, como nos locais de trabalho. As experiências relatam: “A exclusão era silenciosa, mas presente em cada piada, cada afastamento” e “No ambiente de trabalho, a lesbofobia vem de forma sutil, mas é constante.”, evidenciando o caráter estrutural dessa exclusão.

A intersecção entre família, religião, heteronormatividade e lesbofobia mostra o impacto profundo da repressão sobre as mulheres lésbicas, que são forçadas a viver suas identidades em silêncio e à margem. A estrutura patriarcal atua em todas as esferas: familiar, religiosa, social e laboral, reforçando o isolamento e a invisibilidade dessas mulheres.

A construção da identidade lésbica é marcada por desafios desde a infância, período em que normas de gênero e ideais de feminilidade são impostos. Muitas mulheres relatam terem se sentido diferentes desde cedo, enquanto outras meninas sonhavam com casamento e maternidade. Brincadeiras e gostos destoantes eram interpretados como “falta de jeito” ou “estranheza”, mas representavam, na verdade, expressões autênticas de si mesmas. Esse sentimento inicial de deslocamento reflete o conflito entre uma infância moldada pelo patriarcado e a autonomia emergente de mulheres que, desde cedo, resistem ao que lhes é imposto.

Tabela 3: Citações sobre Corpo, Feminilidade, Infância, Identidade, Solidão Lésbica

TEMAS	CITAÇÕES
<b>Corpo e Feminilidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Percebi que estava tentando me ajustar a um padrão que nunca foi meu.”</li> <li>- “Comecei a entender meu corpo como algo para mim, e não para atender aos desejos ou olhares alheios.”</li> <li>- “Meu corpo sempre foi uma batalha interna, e aceitar minha sexualidade foi também aceitar minha imagem.”</li> <li>- “Ser lésbica significou me liberar de um ideal de feminilidade imposto, entendendo que eu podia ser feminina da minha maneira.”</li> </ul>
<b>Infância e Identidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Desde cedo, eu percebia que não era como as outras meninas. Elas falavam de meninos, de sonhos de casar e ter filhos.”</li> <li>- “Na infância, o que era visto como ‘falta de jeito’ era, na verdade, o meu jeito de ser.”</li> <li>- “As brincadeiras que eu gostava e as roupas que escolhia eram sempre diferentes das outras meninas.”</li> <li>- “Não me interessavam os jogos de paquera e as conversas sobre meninos, o que me fazia sentir deslocada desde nova.”</li> </ul>
<b>Solidão e Ser a Única Lésbica Assumida</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Sinto a pressão de estar em um lugar que nunca foi pensado para mim.”</li> <li>- “Ser a única lésbica assumida é solitário, e mesmo que eu tenha orgulho de quem sou, essa solidão é como uma sombra.”</li> <li>- “Havia uma solidão que acompanhava o fato de ser a única lésbica que conhecia, uma sensação de não pertencer.”</li> <li>- “Estar sozinha em meio a tantos olhares que não entendem minha realidade é um desafio constante.”</li> </ul>

**Fonte:** elaborado pelas autoras

A feminilidade é uma construção social profundamente enraizada que, segundo Marilyn Frye (1983), funciona como um artifício patriarcal destinado a manter as mulheres em subserviência e conformidade com o olhar masculino. Andrea Dworkin (1991) e Margarita Pisano (2001) reforçam essa crítica ao afirmarem que a feminilidade não é natural, mas sim imposta como um mecanismo de controle e dominação. Essa construção molda os corpos femininos segundo os desejos e expectativas dos homens, criando o ideal de uma “mulher perfeita” obediente às normas de beleza e comportamento estabelecidas pelo patriarcado.

Para as mulheres lésbicas, o enfrentamento com a feminilidade é ainda mais intenso. Bev Jo (1990) destaca que lésbicas butch, ao rejeitarem deliberadamente os códigos femininos, sofrem duplo preconceito pela orientação sexual e pela não conformidade com os padrões de aparência e conduta. O estigma recai sobre aquelas que

subvertem a feminilidade, tornando-as facilmente identificáveis e, conseqüentemente, alvos de discriminação.

Margarita Pisano (2001) afirma que a feminilidade não é um espaço autônomo, mas uma criação simbólica subordinada à masculinidade, sem possibilidade de se definir a partir de si mesma. Assim, a ideia de “ser mulher” permanece condicionada às fronteiras do olhar e do poder masculino.

Muitas lésbicas, contudo, constroem identidades que se libertam desses ideais impostos. “Percebi que estava tentando me ajustar a um padrão que nunca foi meu”, expressa uma das entrevistadas, revelando o processo de emancipação corporal e simbólica que acompanha a aceitação da própria sexualidade. Essa libertação representa uma reivindicação do corpo para si mesma: “Comecei a entender meu corpo como algo para mim, e não para atender aos desejos ou olhares alheios.”

Desde a infância, muitas mulheres lésbicas já se percebiam diferentes. “Desde cedo, eu percebia que não era como as outras meninas”, relata uma delas, mostrando como suas preferências: nas brincadeiras, roupas e comportamentos, destoavam das expectativas sociais. Essa discordância precoce gerava um sentimento de deslocamento e anunciava, desde cedo, os desafios que mais tarde seriam enfrentados na afirmação da identidade lésbica.

Quando sua identidade Butch (e possivelmente lésbica) se torna evidente, ela é rotulada como desviante, uma aberração da natureza. [...] Ninguém diz às meninas que é natural preferir a liberdade e a dignidade das calças em vez de vestidos, e querer brincadeiras ativas e aventureiras. Ninguém lhes diz que a lesbianidade é uma possibilidade e uma boa maneira de viver. (Bev Jo, 1990, p. 129, tradução nossa).

A sociedade patriarcal impõe desde cedo a ideia de que a feminilidade é algo “natural” às mulheres, associando-a à passividade e docilidade. Contudo, Bev Jo (1990) afirma que o conforto e a liberdade de escolhas como usar calças, brincar ativamente e viver sem o foco nos homens são experiências genuínas para muitas meninas.

Essas expressões autênticas, entretanto, são logo sufocadas e consideradas “inadequadas”. A lesbianidade e formas de vida fora da heteronormatividade são invisibilizadas, sendo vistas como desvios da “ordem natural”. Assim, o que se entende como “feminino” é uma construção social que reprime a autenticidade das meninas.

Desde a infância, muitas lésbicas percebem o sentimento de não pertencimento. “Desde cedo, eu percebia que não era como as outras meninas. Elas falavam de meninos, de sonhos de casar e ter filhos.” Esse contraste revela o início do conflito entre identidade

e expectativa social. O “meu jeito de ser”, interpretado como “falta de jeito”, expressa a diferença entre o que é imposto e o que é vivido, demonstrando como o padrão feminino normativo exclui outras formas de ser e sentir.

A solidão acompanha o processo de se reconhecer lésbica: “Sinto a pressão de estar em um lugar que nunca foi pensado para mim.” A presença constante dessa solidão é reforçada por olhares e ambientes que ignoram a realidade lésbica. “Ser a única lésbica assumida é solitário, e mesmo que eu tenha orgulho de quem sou, essa solidão é como uma sombra.”

Essa experiência não se limita à ausência de companhia, mas representa a exclusão e a incompreensão social, reforçando o que Adrienne Rich (2010) descreve como o isolamento resultante da invisibilidade e da negação do amor entre mulheres.

A solidão também marca a trajetória das mulheres negras, cuja condição é moldada por racismo e sexismo. Ana Cláudia Pacheco (2008) explica que essa solidão é um mecanismo político de exclusão, impedindo-as de ocupar espaços de poder e pertencimento. Cheryl Clarke (2020) acrescenta que essa exclusão é deliberada, mantendo a mulher negra como suporte invisível dentro de uma estrutura que a desumaniza. Trata-se de uma solidão estruturada, que ultrapassa o emocional e se inscreve no político e no social.

No caso da mulher negra lésbica, a interseccionalidade revela novas dimensões dessa exclusão. Ela enfrenta simultaneamente racismo, misoginia e lesbofobia, inclusive dentro de sua própria comunidade. Cheryl Clarke (2020) observa que essa tripla marginalização é uma estratégia de poder que busca apagar sua existência. Audre Lorde (2011) complementa que essa solidão não deve ser romantizada, pois é resultado direto da recusa da mulher negra lésbica em se submeter ao patriarcado e à heteronormatividade. Sua resistência é uma resposta à estrutura que tenta apagá-la.

Essa exclusão das lésbicas, de modo geral, é intencional. A sociedade patriarcal utiliza o isolamento como punição às mulheres que desafiam o papel de subserviência (Margarita Pisano, 2001). Aqueles que rompem com o padrão são marginalizadas para que suas existências e exemplos não se multipliquem. Trata-se, como afirmam Bev Jo (1990), Adrienne Rich (2010) e Monique Wittig (1980), de uma tentativa deliberada de silenciamento e apagamento das lésbicas enquanto sujeitos políticos e sociais.

A pressão para adequar-se à imagem idealizada de feminilidade impede que meninas e mulheres percebam outras formas de existir. Resistir a essas imposições é um ato de coragem e autoconhecimento. A trajetória lésbica, portanto, é marcada por um

processo de alinhamento entre corpo, identidade e vivência, uma reafirmação de autonomia diante das normas patriarcais e heteronormativas.

### **Procedimentos Metodológicos**

Esta pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, voltada à análise de memoriais escritos no contexto de uma disciplina optativa na Universidade Federal de Viçosa. A proposta da docente consistiu na escrita de um memorial, com o objetivo de provocar autorreflexão sobre trajetórias pessoais em relação aos corpos e sexualidades, oferecendo aos/às estudantes um espaço seguro para explorar suas experiências de ser-no-mundo.

Os memoriais foram selecionados a partir de uma turma de 40 estudantes de graduação, com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. Dentre esses, foram escolhidos nove memoriais de mulheres que se identificam como lésbicas ou relataram atração exclusiva por outras mulheres, permitindo analisar especificidades da construção de identidades lésbicas.

Os memoriais emergem como instrumentos significativos de reflexão social, educativa e cultural, pois possibilitam às autoras reconstituir e reposicionar suas vidas em relação à sociedade e aos indivíduos. Esses relatos entrelaçam experiências pessoais e coletivas, mapeando trajetórias escolares, sociais e culturais, e resgatando memórias que moldam a identidade das autoras (Daniele Silva; Angel Sirgado; Larissa Távira, 2012).

Enquanto formas de autobiografia, os memoriais combinam história, análise e reflexão crítica, retratando eventos relevantes da vida das autoras. Cada experiência é contextualizada no horizonte histórico-cultural mais amplo, demonstrando como a história individual se conecta com a coletiva. Essa perspectiva evidencia a influência das interações sociais e culturais na formação da identidade pessoal e coletiva (Antônio Severino, 2000).

Os textos foram analisados buscando padrões que revelassem entrelaçamentos e contrastes na vivência dessas mulheres. As citações foram agrupadas em subcategorias temáticas, incluindo: Amizade e Descoberta, Pertencimento e Comunidade, Conflito Familiar e Religião, Influência da Mídia e Referências, Corpo e Feminilidade, Infância e Identidade, Descoberta pelo Amor e Relacionamentos, Heteronormatividade e Pressões Sociais, Exclusão e Lesbofobia, Fetichização e Objetificação, Solidão e Ser a Única Lésbica Assumida.

Embora essas categorias sirvam de estrutura para a análise, reconhece-se que elas se interpenetram de forma dinâmica, refletindo a complexidade das experiências

relatadas. Cada categoria constitui um fragmento de uma narrativa maior, onde o pessoal e o coletivo, o corpo e o contexto se entrelaçam. Por meio dessa metodologia, busca-se respeitar a interdependência dos temas, permitindo que as vozes das autoras sejam reveladas em sua profundidade e singularidade.

### **Considerações Finais**

O patriarcado e a heteronormatividade estruturam-se de modo a excluir mulheres lésbicas e reforçar a subjugação feminina. Religião, família e normas sociais heteronormativas fazem parte de um sistema amplo que marginaliza experiências lésbicas, tratando-as como desvios. A resistência lésbica surge na coragem de desafiar essas estruturas e criar espaços de acolhimento e pertencimento, onde o amor entre mulheres possa ser vivido sem medo.

Nas narrativas analisadas, observa-se que identidade, corpo e pertencimento estão indissociavelmente ligados. Desde a infância, muitas mulheres relataram deslocamento e estranheza por gostos e interesses que fugiam do que se esperava de uma “menina”. Em um contexto que traça o destino das mulheres - casar, ter filhos e seguir padrões heteronormativos, cada escolha não normativa torna-se um ato de resistência, revelando uma autenticidade que desafia os papéis de gênero tradicionais e constitui o primeiro passo na construção de uma identidade própria.

A relação com o corpo assume papel central, pois ele se torna um território de confronto com as imposições da feminilidade e sexualidade. Os memoriais mostram o momento em que muitas perceberam que se esforçavam para corresponder a padrões sociais, e não a si mesmas. Aceitar-se como lésbica significou romper com a heterossexualidade compulsória e libertar-se de ditames de feminilidade. Como relatam algumas, “meu corpo sempre foi uma batalha interna”, mas, ao compreender sua sexualidade, surge a liberdade de escolher ser feminina ou não, desvinculada do olhar alheio.

O processo de autoconhecimento e afirmação não é isento de dor. As memórias revelam solidão e isolamento enfrentados por quem desafia a heteronormatividade. Muitas mencionam exclusão velada, julgamento silencioso e lesbofobia, vivenciando a sensação de ser a única lésbica assumida em um grupo, com o orgulho diluído pelo peso de estar “fora” de uma sociedade que rejeita e isola. Essa exclusão é uma estratégia intencional de punição às mulheres que recusam a subserviência e padrões de feminilidade esperados.

Nos relatos, a resistência se manifesta na escolha de viver suas vidas à própria maneira, sendo um ato de coragem e enfrentamento diário de uma sociedade que ainda não aceita suas existências autênticas. Os memoriais representam fragmentos vivos dessa resistência, que se inicia cedo, quando interesses e formas de estar no mundo são considerados “errados”.

A resistência dessas mulheres demonstra força e resiliência. As narrativas de amizade, descoberta e pertencimento funcionam como subversão à narrativa opressora, mostrando que, apesar das adversidades, construir laços comunitários e buscar espaços de acolhimento é possível e necessário.

Tais espaços oferecem refúgio em um mundo marginalizador, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e identidades valorizadas. A luta por visibilidade e aceitação se torna coletiva, onde união e solidariedade entre mulheres lésbicas se traduzem em resistência, sobrevivência e afirmação da existência. Como observa Marilyn Frye (1983), muitos tentarão negar a existência de lésbicas, mas “existimos, muitas”.

### Referências:

- AMORIM, Else Freire de Castro; SANTOS, Larissa Gabriela Gouveia dos. *Heteronormatividade e identidade: reflexões críticas sobre a população lésbica*. Cadernos de Estudos Sociais, Recife, v. 35, n. 2, p. 143-160, 2020.
- CLARKE, Cheryl. Lesbianism: An act of resistance. In: *Feminist Theory Reader*. Routledge, 2020.
- DWORKIN, Andrea. *Woman Hating*. New York: Plume, 1991.
- FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. *Cadernos de Crítica Feminista*, v. 6, n. 5, p. 8-31, 2012.
- FRYE, Marilyn. *The politics of reality: Essays in feminist theory*. Crossing Press, 1983.
- JO, Bev et al. *Dykes-loving-dykes: Dyke separatist politics for lesbians only*. Battleaxe, 1990.
- LORDE, Audre. *Sister outsider: Essays and speeches*. Crossing Press, 2011.
- PACHECO, Ana Claudia Lemos. Branca para casar, mulher para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- PISANO, Margarita. *El triunfo de la masculinidad*. Santiago de Chile: Surada, 2001.



RAYMOND, Janice. *A passion for friends: Toward a philosophy of female affection*. Spinifex Press, 2001.

RAYMOND, Janice. Female Friendship: Contra Chodorow and Dinnerstein. *Hypatia*, v. 1, n. 2, p. 37-48, 1986.

RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Daniele Nunes Henrique; SIRGADO, Angel Pino; TAVIRA, Larissa Vasques. *Memória, narrativa e identidade profissional: analisando memoriais docentes*. Cadernos CEDES, v. 32, n. 88, p. 263–283, set. 2012.

WITTIG, Monique. O pensamento hétero. *Ensaio*, 1980.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em outubro de 2025.